

Agenda Econômica

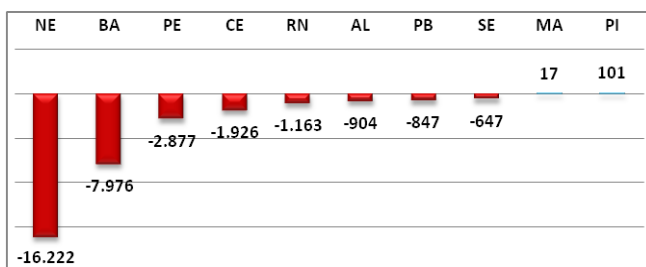
- Índice de Commodities Brasil (IC-Br) de julho-BACEN
- Índice de rentabilidade do mercado brasileiro de imóveis comerciais (IGMI-C) do segundo trimestre de 2016-FGV

Nordeste: Mercado de trabalho formal declina no primeiro semestre

No mês de junho de 2016, o Nordeste encerrou com redução de 16.222 empregos formais. Conforme o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), apenas Piauí e Maranhão geraram novos postos de trabalho, Gráfico 1.

Os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, que concentraram 63,4% do PIB regional, conforme as Contas Regionais de 2012 do IBGE, vêm apresentando baixo desempenho econômico. Diante desse quadro, os três estados foram responsáveis pela perda de 12.779 postos de emprego, ou seja, 78,8% do total do saldo negativo regional.

Gráfico 1 – Nordeste – Saldo de empregos formais - Junho de 2016



Fonte: BNB/ETENE com dados do Caged.

Setorialmente, apenas **agricultura** e **administração pública** apresentaram saldo positivo, com criação de 4.963 e 148 postos de emprego, respectivamente, enquanto os demais setores tiveram redução no nível de emprego formal em junho de 2016.

Considerando o cenário de arrefecimento da economia regional, no primeiro trimestre de 2016, a deterioração do mercado de trabalho foi sentida principalmente nos serviços, construção civil e comércio.

Serviços apresentou perda de 8.156 postos de emprego, com maior repercussão na Bahia (redução de 4.462 postos de trabalho, ou seja, com participação de 55% das perdas do setor) e Pernambuco (queda de 2.292 postos de trabalho, contribuindo com 28% das perdas regionais do setor serviços).

Construção Civil apresentou a segunda maior redução por setores na Região, com perda de 7.101 postos de emprego. Bahia, Pernambuco e Ceará contribuíram negativamente para o setor, juntos participaram com pouco mais de 69% das perdas regionais da Construção Civil.

Em sequência, **Comércio** mostrou fraco desempenho, por conseguinte, a atividade apresentou redução de seu quadro de empregos formais em 5.134 postos. Pernambuco (-1.118 postos de trabalho), Ceará (-1.093 postos de trabalho) e Bahia (-823 postos de trabalho) foram os que mais eliminaram empregos do setor na Região.

Para o primeiro semestre de 2016, verifica-se que todos os Estados do Nordeste apresentaram saldo negativo. O recuo de empregos com carteira de trabalho assinada foi da ordem de 201.037 postos de trabalho, o que corresponde a uma retração de -3,05% do contingente trabalhadores formais. Como mostra a Tabela 2, a queda no estoque de emprego iniciou-se a partir de 2015, reflexo do baixo dinamismo da atividade econômica brasileira.

Pernambuco registrou o maior recuo, com a perda de 52.717 postos de trabalho (-4,0%), em razão, principalmente, do baixo desempenho dos setores de serviços, da construção civil e do comércio.

Em seguida, vem **Alagoas** que evidenciou perda de 32.496 empregos formais (-8,72%), devido principalmente ao resultado desfavorável da construção civil e do comércio.

Para a **Bahia**, a redução dos postos de trabalho ficou em 27.594, variação negativa de 1,57%, decorrente principalmente do saldo negativo de emprego dos setores da construção civil, serviços e comércio; apenas a agropecuária registrou expansão do emprego.

Ceará indicou variação negativa (-2,08%), com saldo negativo de empregos formais de 24.948 postos de trabalho, explicado pelo desempenho desfavorável dos setores de serviços, comércio e construção civil.

Tabela 1 - Nordeste – Saldo de empregos formais - Junho de 2016

Estados	Setores de Atividade Econômica							
	Extrativa Mineral	Ind. de Transf.	SIUP	Construção Civil	Comércio	Serviços	Admin. Pública	Agropec.
Bahia	-222	-545	-75	-1.984	-823	-4.462	51	84
Pernambuco	-29	-607	121	-1.153	-1.118	-2.292	1	2.200
Ceará	-34	-141	-22	-1.770	-1.093	815	-81	400
Alagoas	0	-84	78	-746	-291	145	3	-9
Sergipe	0	366	-81	-632	-444	-241	-1	386
Rio G. do Norte	59	76	-7	-662	-536	-912	-5	824
Paraíba	-17	-7	-2	-445	-68	-671	2	361
Maranhão	6	72	71	298	-362	-617	178	371
Piauí	17	264	-199	-7	-399	79	0	346
Total	-220	-606	-116	-7.101	-5.134	-8.156	148	4.963

Fonte: BNB/ETENE com dados do Caged.

Tabela 2 - Nordeste – Movimentação dos admitidos e desligados

Nível Geográfico	Janeiro - Junho de 2016			
	Admitidos	Desligados	Saldo	(%) ⁽²⁾
Piauí	48.439	56.542	-8.103	-2,70
Sergipe	42.300	54.577	-12.277	-4,03
Maranhão	74.419	87.694	-13.275	-2,77
Paraíba	60.131	73.934	-13.803	-3,34
Rio Grande do Norte	68.974	84.798	-15.824	-3,57
Ceará	210.431	235.379	-24.948	-2,08
Bahia	296.917	324.511	-27.594	-1,57
Alagoas	46.517	79.013	-32.496	-8,72
Pernambuco	185.059	237.776	-52.717	-4,00
Nordeste	1.033.187	1.234.224	-201.037	-3,05
Brasil	7.819.710	8.351.475	-531.765	-1,34

Fonte: BNB/ETENE com dados do CAGED/MTPS.

Nota: (1) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior.

Produção industrial cresce em junho, mas não recupera perdas do ano

Representando o quarto resultado positivo consecutivo, a **produção industrial**, em junho, foi 1,1% maior que em maio, conforme os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contudo, no confronto com junho de 2015, houve recuo de 6,0%. Os índices também foram negativos para iguais períodos do ano anterior, tanto para o primeiro semestre (-9,1%) quanto para o acumulado dos últimos 12 meses (-9,8%), assinalando a redução mais intensa desde 2009 (Tabela 1).

Apesar dos avanços recentes, a indústria ainda mostra forte retração quando a base de comparação é o resultado de 2015. Este comportamento ocorre tanto para a indústria em geral, quanto para todas as grandes categorias industriais, com destaque para os bens de capital, conforme se observa na Tabela 2.

Ocorreu um perfil disseminado de taxas negativas no desempenho desse ano, considerando que as quatro grandes categorias econômicas, 23 dos 26 ramos, 64 dos 79 grupos e 73,3% dos 805 produtos pesquisados apontaram redução na produção.

Entre as grandes categorias econômicas, o perfil dos resultados para os seis primeiros meses de 2016 mostrou menor dinamismo para bens de consumo duráveis (-22,2%) e bens de capital (-20,1%). Os bens intermediários (-8,8%) e bens de consumo semi e não duráveis (-2,3%) também registraram taxas negativas no índice acumulado de 2016 (Tabela 2).

Entre as atividades, indústrias extrativas (-14,0%) e veículos automotores, reboques e carrocerias (-21,2%) exerceram as maiores influências negativas na formação da média da indústria. Além dessas, outras atividades com pressão negativa foram: máquinas e equipamentos (-16,0%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,9%), metalurgia (-11,9%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-27,0%), produtos de metal (-15,1%), produtos de minerais não metálicos (-11,9%), produtos de borracha e de material plástico (-11,1%), outros equipamen-

tos de transporte (-22,2%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-13,2%), confecção de artigos do vestuário e acessórios (-10,3%), móveis (-14,9%) e produtos têxteis (-11,1%).

Por outro lado, as atividades que ampliaram a produção no primeiro semestre de 2016 foram: produtos alimentícios (2,0%), celulose, papel e produtos de papel (2,5%) e de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (1,9%).

A **Pesquisa Industrial Mensal Produção Física – Brasil**, elaborada pelo IBGE, produz indicadores de curto prazo relativos ao comportamento do produto real das indústrias extrativa e de transformação.

Tabela 1– Produção Industrial-Brasil

Período	Produção Industrial (%)
Junho 2016/maio 2016	1,14
Junho 2016/junho 2015	(-6,0)
Acumulado em 2016	(-9,1)
Acumulado em 12 meses	(-9,8)

Fonte: IBGE.

Tabela 2 - Produção industrial por categorias econômicas - Brasil

Varição Percentual	Jun 2016/ Mai 2016	Jun 2016/ Jun 2015	Jan-Jun 2016/ Jan-Jun 2015	Em 12 meses
Produção Industrial	2,0	(-6,0)	(-9,1)	(-9,8)
Bens de Capital	2,1	(-3,9)	(-20,1)	(-26,2)
Bens Intermediários	0,5	(-7,6)	(-8,8)	(-8,1)
Bens de Consumo	1,2	(-2,9)	(-6,7)	(-8,8)
Duráveis	1,1	(-6,9)	(-22,2)	(-22,8)
Semi e Não Duráveis	1,2	(-1,9)	(-2,3)	(-4,8)

Fonte: IBGE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Gerentes Executivos: Airton Saboya Valente Junior, Leonardo Dias Lima, Luciano Jany Feijão Ximenes e Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Jackson Dantas Coêlho, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliâne Cordeiro Barroso, Luiz Fernando Gonçalves Viana e Wellington Santos Damasceno. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Estagiária: Francisca Crísia Diniz Alves. Jovens Aprendizizes: Anderson Acioly da Silva e Lucas Sousa dos Santos.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.